

## Other universities

---

From the SelectedWorks of Paulo Ferreira da Cunha

---

January 14, 2015

# Falar & Pensar: Para uma Psicologia Social

Paulo Ferreira da Cunha, *Universidade do Porto*



SELECTEDWORKS™

Available at: <http://works.bepress.com/pfc/222/>

FALAR & PENSAR:  
ELEMENTOS PARA UMA PSICOLOGIA SOCIAL

*I. Da Mentira Social*

Há mentiras e mentiras. A pior mentira (e dita com que convicção, com que força, com que brutalidade!) é aquela que alguns dizem alto e bom som, tonitroantemente, intimamente convencidos de que estão a descobrir e a desvendar, magnânimos, a verdade que muitos seriam incapazes de ver (na verdade, ela não existe... e daí não a verem). Ou, pelo menos, no seu ponto de vista, só alguns eleitos seriam capazes de descobrir... É uma outra versão da estória do Rei que vai nu.

Imagine-se então o que é uma grande mentira (uma rede de mentiras, uma rede de crenças erróneas e nocivas) privativa de um grupo, martelada, propagada socialmente... É um perigo, porque perante a força da convicção de alguns claudica até a confiança de muitos (mais moderados, não tão cheios de si, naturalmente abertos à refutação, coisa que nenhum dogmático aceita) nos seus sentidos e na sua inteligência.

Por exemplo, para ilustrar com um caso mais evidente: a força de um político enganador pode residir em negar fortemente a realidade, e firmemente apresentar dela uma outra visão que com fanatismo apresente como a realidade.

Melhor ainda se, consigo, tiver uma legião de adeptos fanatizados, a clamar que o preto é branco e o branco é preto. Ouro sobre azul é se essa mentira beneficiar diretamente (materialmente) ou confortar o ego ou aplacar a consciência dos seguidores, dos sintonizados. E essa simbiose de interesses, materiais e menos materiais existe frequentemente nessa construção *ideológica*.

## II. *Anti-Pensamento na Conversa*

Numa conversa em que tudo está pressuposto, sobretudo quem são os bons e os maus, o que seja (ainda que de forma confusa e até contraditória) bem e o mal, o ridículo e o grave, bastam monossílabos, risadas e impropérios. A verdadeira conversa, todavia, por natureza, seria algo de contrário a isto: uma troca de ideias diversas, não um ritual de ódio e uma re-encenação do medíocre espírito clubístico.

Quantos, porém, estão dispostos a ir para a luta sem as armas e bagagens de uma cumplicidade segura com os seus interlocutores? Nestes casos, mesmo quando se vê alguma discordância, seja em rodas de café ou em salões mais o menos seletos, tem-se a impressão de que não são pessoas individuais que conversam, mas atores que encarnam diálogos velhos, representando papéis consabidos. Talvez esta tese não seja mais que levar a um estágio superior, ou às últimas consequências uma ideia que podemos já ver em Saul Bellow, e que ele precisamente exprime por uma metáfora teatral:

"Suponho que todos nós temos o nosso próprio ponto, como no teatro, ou um comentador primitivo dentro de nós, o qual desde muito cedo nos aconselhou, dizendo-nos o que é o mundo real"<sup>1</sup>.

Talvez a ipseidade de alguém que é autor o leve a aceitar uma personagem individual, uma espécie de novo *daimon* socrático. Ora a ideia que exprimimos remete-nos para uma peça já em grande medida escrita, e um ponto que poderia ser, pelo menos para muitos, o mesmo, seguindo o mesmo texto.

## III. *Será que se Pensa mesmo?*

Alguns abrem a boca - tantos, na verdade - e já lhes adivinhamos o argumento. Sempre o mesmo. Sempre os mesmos temas, complexos, ódios, recalcamientos, um ou

---

<sup>1</sup> BELLOW, Saul — Entrevista a Gordon Lloyd Harper, 1966, in *Entrevistas da Paris Review*, seleção, tradução, prefácio e notas de Carlos Vaz Marques, Lisboa, Tinta-da-China, MMX, p. 216.

outro herói para variar (normalmente glória efêmera de coisas que pouco interessam). Uma pasmeira para o espírito.

Terá mesmo que ser assim? Infelizmente, o número dos que são capazes de pensar acima e independentemente da sua classe, do seu círculo social, da sua roda de amigos, dos seus interesses imediatos e mais mesquinhos, da sua carteira, e até, para alguns, das suas aspirações de ascensão social e política... é muito pequeno. Pensa-se pelo condicionamento social, pelas esperanças e pelo ser de bom tom junto daqueles a quem se quer agradar, pensa-se o inevitável e o conveniente. Pensa-se, portanto, muito pouco. É triste, porque a Razão e a Liberdade já nos deveriam ter emancipado. Mas a sociedade enclausurada (cada vez mais feudal - Agostinho da Silva já para tal chamava a atenção, nas suas "Conversas Vadias") e a vaidade e a ganância pessoais rebaixam-nos a uma idade de opressão e obscurantismo. Em que afinal estamos, e parece que cada vez mais.

#### *IV. Modos de Falar, de Pensar, de Agir*

Quando o mero subjetivismo, as pulsões mais primárias, e até o inconsciente, desaguam no espaço público, é de temer. As manifestações laudatórias, comemorativas, encomiásticas são normalmente inofensivas (salvo quando por bem se faz mal), mas as revanchistas, vingativas, invejosas, odiantas, são perigosíssimas.

Há no catálogo da História sempre uns bodes expiatórios que sofrerão a sanha dos irados e recalçados. Os desgraçados sentem-se um pouquinho melhor quando podem contemplar a miséria dos grandes (é o princípio oculto da tragédia), e melhor ainda se podem atirar pedras, sem que um Jesus lhes lembre que estão cheios de culpas.

Os demagogos cavalgam a onda da miséria moral coletiva. Mas como não se quer ensinar História, Filosofia, Civismo, e muito menos a Constituição, continuamos coletivamente ignorantes da nossa alienação.

O subjetivismo de um pensamento coletivo não pensado, de reflexos condicionados preconceituosos, é eco de um conjunto de alienações coletivas. A

palavra que é necessária no espaço público não é, pois, a de um subjetivismo ditado pela massa, mas a de uma individualidade crítica dirigida ao todo social, em prol da coisa pública.

Assim público e privado se imbrincam, associando-se de uma forma perversa na subjetividade da horda, e de maneira benévola na objetividade racional do sujeito pensante que, na sua singularidade, pensa o universal para o bem comum.

*Paulo Ferreira da Cunha*

lusofilias@gmail.com